



A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO NA REPRESSÃO SEXUAL E SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS DAS MULHERES

THE INFLUENCE OF CHRISTIANITY ON SEXUAL REPRESSION AND THE SEXUALIZATION OF WOMEN'S BODIES

Lívia Carvalho*

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo tratar a respeito da repressão sexual vivida pelas mulheres no cristianismo. Deste modo, vamos traçar o trajeto histórico-social da repressão cristã dos corpos das mulheres a partir de pesquisa bibliográfica, tendo como pergunta fundamental, como o Cristianismo influenciou a percepção dos corpos das mulheres no decorrer da história. Com base no percurso realizado, podemos perceber que há exclusão do corpo na teologia, e a nossa proposta é resgatá-lo, abrindo possibilidade para novas formas das mulheres se relacionarem com o sagrado.

Palavras-chave: Repressão sexual. Corpo. Mulher. Cristianismo.

Abstract: This research aims to address the sexual repression experienced by women in Christianity. In this way, we will trace the historical-social trajectory of the Christian repression of women's bodies from bibliographical research, having as a fundamental question, how Christianity influenced the perception of women's bodies throughout history. Based on the route taken, we can see that the body is excluded in theology, and our proposal is to recover it, opening possibilities for new ways for women to relate to the sacred.

Keywords: Sexual repression. Body. Woman. Christianity.

* Lívia Martins de Carvalho. Mestranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, Graduada em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo – Fateo. Bispa da IADLA (Iglesia Antigua de las Americas) Pastora da Igreja Evangélica Pentecostal de Jesus Cristo. E-mail: liviamartins110@gmail.com



INTRODUÇÃO

Na tradição cristã, a sexualidade tem um espaço definido. Mesmo que não se fale abertamente, há respostas prontas sobre o que se pode e, principalmente, o que não se pode fazer com o sexo. É assim que se percebe a repressão sexual no cristianismo: através de um conhecimento velado, não questionado, já dado. Ao longo da história do cristianismo no ocidente, a influência do pensamento greco-romano determinou que o corpo fosse excluído da experiência com o divino, tornando-o profano.

Os primeiros teólogos encontraram no corpo sua expiação, despejaram sobre ele todo o pecado e o mandaram para longe de Deus¹. Limitaram a ação de Deus tirando o corpo do relacionamento com o divino. Em específico, o corpo da mulher foi marginalizado no contato com Ele, que até mesmo em sua figura de linguagem se compara com o masculino, eliminando a possibilidade de identificação direta. Em sua hermenêutica, os primeiros teólogos cristãos associaram as mulheres ao pecado original, colocando a culpa da queda em seus ombros, em seu sexo, em seu sangue, em seu corpo.

Tendo em vista a ausência de espaço para o corpo da mulher na relação com Deus e a escolha de um lugar para tal corpo com relação ao pecado, surgiu a necessidade de entendermos melhor como exerceu e se exerce a repressão sexual na sociedade e como o cristianismo atuou na sua formulação. Deste modo, vamos traçar um percurso histórico-social, a partir da pesquisa bibliográfica, dessa influência exercida pela Igreja e o espaço que sobrou para a mulher e seu corpo dentro do cristianismo.

Num primeiro momento conceituaremos a repressão sexual e de que maneira ela se instalou na sociedade ocidental. Passaremos pela teologia clássica e os fundamentos dos pais da igreja em relação ao sexo e a visão do papel da mulher. Por fim, tocaremos no corpo excluído da mulher (não)dentro da teologia.

A REPRESSÃO SEXUAL

Se nada nos impede de tratar sobre o tema, como dizer que há repressão? Onde entendemos que houve repressão sexual? Como o cristianismo contribuiu na história para que ela acontecesse? E como isso se aplica de maneira diferenciada à mulher? Foucault, em seu primeiro volume da História da Sexualidade, afirma que a partir do século XVII, começou o que ele denomina de “Idade da Repressão”². Antes dessa época, sexo não era um tabu. Poder-se-ia

¹ Os sacerdotes no Dia da Expição sorteavam um bode para ser emissário no deserto, ali ele morria distante de todos e sofrendo em agonia carregando os pecados da nação. (Levíticos 10. 16).

² FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.



falar sobre sexo em qualquer lugar, com qualquer pessoa. Entretanto, com o passar do tempo, convenções sociais e padrões morais fizeram com que sexo passasse a ter lugar e momento estabelecidos. O discurso não sumiu, porém, passou a ser controlado. Sexo se tornou o corpo nu que saiu do paraíso e precisou ser coberto pelas normas sociais para ser aceito. Para Foucault,

A repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. Porém, forçada a algumas concessões.³

Podemos perceber que a repressão sexual consiste em fingir que algo natural como o sexo não existe, dessa maneira, não se precisa falar ou aprender sobre, e da mesma forma, quem insinua que não se precisa falar/ver/ouvir sobre sexo é quem está falando dele. Foucault nos chama a atenção para o fato de que a repressão está na forma como tocamos no assunto, em quem pode discutir sobre ele, e em quais lugares pode ser abordado.

A repressão sexual aconteceu em vários âmbitos na sociedade. No que diz respeito à política e à economia, o capitalismo trouxe uma lógica de produção e trabalho que manipula a vida dos empregados, para que nada impedisse o sistema de se alimentar e, “se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres.”⁴

O desejo sexual faz parte da biologia humana e para uma repressão eficaz é necessário dar uma falsa ideia de liberdade. Logo, pensando dentro do sistema vigente, se o sexo não pode “deixar de existir”, então que exista em um espaço socialmente aceito, como por exemplo, o prostíbulo, que é um lugar de tolerância, de gestos e falas livres da pressão moral, onde o que “não deveria existir” é vivido, falado e rentável, pois, se não dá para ocultar, que pelo menos se lucre em cima do pouco que é liberado⁵.

Diante disso, muitos tentaram afrouxar um pouco as amarras da repressão sexual. Freud, com a psicanálise, tocou no assunto, porém, segundo Foucault, era apenas mais um a lucrar em cima do leito⁶. De acordo com Marilena Chauí, Freud, no fim de suas obras, rendeu-se à repressão sexual dizendo ser esta necessária a certo ponto, para o bem da humanidade e a

³ FOUCAULT, 1988, p. 09.

⁴ FOUCAULT, 1988, p. 10.

⁵ FOUCAULT, 1988, p. 09.

⁶ FOUCAULT, 1988.



ordem social, devido às pulsões sexuais⁷. Deveria, portanto, diminuir a repressão ao invés de eliminá-la. Chauí afirma que a psicanálise se tornou mais uma ferramenta de repressão sexual por dois principais motivos: primeiro, porque abandonou os afetos e os sentimentos da relação, e caiu no intelectualismo sobre o assunto. E segundo, porque se julgou capaz de liberar as pessoas por “lhes permitir exprimir o ‘sexo em fantasia’ (não havendo limites nem interdições para fantasiar), a fim de que não se exprima ‘em realidade’ (conservando tabus e interdições existentes)”⁸.

Em seu livro, *Repressão nossa velha (des)conhecida*, Marilena Chauí mostra a foto do livro: *Iniciação Educacional*⁹, que tem como parênteses na capa a frase “*leitura reservada*”. Este é um livro sobre iniciação sexual e apenas homens poderiam lê-lo, somente os meninos precisavam saber sobre sexo. A mulher se guardava para o casamento e nele aprenderia com seu marido o que seria ter uma relação sexual, pois o conhecimento era esperado do homem e a mulher acatava, pois, a informação lhe foi negada. A retenção da informação sobre o sexo é uma das formas mais marcantes da repressão sexual das mulheres, pois tira o conhecimento e dita o que é ou não a sua sexualidade, desapoderando seu querer e vontade.

O controle do que era sexo extrapolou o que a Igreja estipulou no século XVII, quando a mesma ditava como se deveria fazer sexo e onde se devia tocar. Esse controle chegou ao ponto de entrar no quarto de cada casal, estando tão presente quanto O Onipresente, para poder até mesmo dizer que hora sentir prazer. Ao mesmo tempo em que a Igreja tratava minuciosamente desses detalhes, fazia questão de frisar a descrição ao tratar e falar sobre sexo colocando-o dentro do confessional, por exemplo¹⁰. Foucault levanta a questão do porquê vincular o sexo ao pecado:

Seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado — e, ainda, seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que o sexo era ‘condenado’ — mas seria, também, preciso perguntar por que hoje em dia nos culpamos tanto por ter outrora feito dele um pecado? [...] De que maneira ocorre esse deslocamento que, mesmo pretendendo liberar-nos da natureza pecaminosa do sexo, atormenta-nos com um grande pecado histórico que teria consistido, justamente, em imaginar essa natureza falível e em tirar dessa crença efeitos desastrosos?¹¹

Ótimas questões que têm mexido intimamente com a teologia ao longo dos anos, e é exatamente esse o ponto: quando acordamos para a repressão? E quando, ter feito do sexo pecado, nos veio com pesar? Por volta do século XVIII mecanismos de discursos começaram a

⁷ CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁸ CHAUÍ, 1984, p. 20.

⁹ CHAUÍ, 1984, p. 18.

¹⁰ FOUCAULT, 1988, p. 21.

¹¹ FOUCAULT, 1988, p. 13.



produzir diversas falas sobre sexo e como tratá-lo. Todos tinham algo para dizer, psicanalistas, sexólogos, teólogos, nascendo assim uma “incitação política, econômica, técnica a falar do sexo”¹².

O incômodo social com a Igreja talvez tenha sido pela forma como ela considerava o sexo parte de todo domínio que pretensiosamente acreditava ter. “Sob a capa de uma linguagem que se tem o cuidado de depurar de modo a não mencioná-lo diretamente, o sexo é açambarcado.”¹³. Foucault afirma que a Igreja tomou para si o discurso do sexo e o colocou numa caixa da qual apenas ela tinha a chave, para ditar o que se podia falar, fazer e viver em relação a ele. Como que, de uma maneira controversa, sobre o domínio do discurso, a Igreja colocou que era preciso estar sempre confessando, minuciosamente, seus desejos carnisais, fazendo falar constantemente sobre sexo.

Foucault afirma que a repressão seria a “constatação de que, em tudo isso, não há nada para ver, para dizer, nem para saber [...] (é uma) interdição, inexistência e mutismo”¹⁴. Portanto, mesmo que tenha se incentivado a confessar seus impulsos sexuais, falar de seus desejos, a repressão funciona quando insinua que não se deve saber mais sobre aquilo, e que fora de tal espaço, deve-se esquecer de que existe. “O essencial não são todos esses escrúpulos, o “moralismo” que revelam, ou a hipocrisia que neles podemos vislumbrar, mas sim a necessidade reconhecida de que é preciso superá-los. Deve-se falar do sexo, e falar publicamente.”¹⁵

Conforme Nancy Cardoso, as instituições de poder legislam sobre o sexo e sua forma de vivê-lo, não permitindo uma experiência que alcance toda a potencialidade inspiradora e criadora das relações amorosas¹⁶. Desta forma, “o sexo deve ser prisioneiro da cama, do quarto ou das revistas especializadas em entender e manipular o tanto de pulsões e motivações que atravessam os homens e mulheres. Mas não deve ser dito. Mal dito”¹⁷. Uma das ferramentas que contribuiu em tal repressão foi a Bíblia.

A interpretação e a reflexão bíblica têm estado há muito tempo sob o controle de homens poderosos na Igreja e no mundo do saber. Por isso a Bíblia acabou se tornando instrumento dócil de repressão e moralismo; um cânon de virtudes e virtuosos se impôs exigindo silêncio e indiferença para com a memória e textos subversivamente libertadores em todos os aspectos da vida. Também nos amores.¹⁸

¹² FOUCAULT, 1988, p. 25.

¹³ FOUCAULT, 1988, p. 22.

¹⁴ FOUCAULT, 1988, p. 09.

¹⁵ FOUCAULT, 1988, p. 26.

¹⁶ CARDOSO, Nancy. Ah!... Amor em delícias. **Ribla**: Por mãos de mulher. n. 15, p. 47-59. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1994.

¹⁷ CARDOSO, 1994, p. 59.

¹⁸ CARDOSO, 1994, p. 49.



O sexo poderia, através de uma hermenêutica diferente daquela que a Igreja desenvolveu na sua constituição, ser libertador e sagrado em seus prazeres, porém, o caminho seguido pelos primeiros teólogos foi de condenação a impureza centralizando no corpo. Durante a Idade Média, o domínio religioso estava nas mãos de homens com medo do sexo, do corpo, que “confundiram esse corpo com seus medos existenciais. Por isso fugiram dele e incitaram a mulher a fazer o mesmo”¹⁹, e nessa fuga, o grande excluído, o “condenado à morte”, foi o corpo da mulher. Confirmando isso, Nancy Cardoso reitera: “os sacerdotes vão localizar no corpo o espaço privilegiado para as expressões do pecado e da maldição, em especial no corpo da mulher...”²⁰

Durante um longo período [no passado da nossa sociedade], o termo sexo referia-se exclusivamente às mulheres – estas não tinham um sexo, eram o sexo [e, por isso mesmo, figuras por excelência do mal e da busca desenfreada do prazer, amolecendo corpo e espírito dos homens guerreiros], precisando ser controladas, punidas, vigiadas de todas as maneiras possíveis. Não é surpreendente, então, quando voltamos os olhos para o século XIX, descobrirmos uma representação da feminilidade na qual as mulheres são assexuadas, frígidas, feitas para a maternidade e não para o sexo, a tal ponto que houve necessidade de médicos e sexólogos para lhes ensinar sexo? Como se a repressão da sexualidade feminina tivesse sido tão bem sucedida que, no ponto final, encontrássemos a negação do ponto inicial.²¹

Uma repressão sexual tão bem instituída que as concepções sobre a sexualidade da mulher foram de um extremo para o outro e o senso comum aprovou ambas as conclusões.

É no corpo que se manifesta a maldição do pecado [Gn 3] que se expressa nas relações de produção de conhecimento, sexo, trabalho e maternidade, na forma da dor e do cansaço. O corpo precisa ser controlado na lei. O corpo e seus líquidos e suores, suas mazelas e doenças, seus impulsos e desejos... em especial o corpo de mulher e a fala do corpo de mulher.²²

Temos um esforço teológico em torno de Gênesis 3 para canalizar na carne a responsabilidade pelas maldições que recaíram sobre o ser humano, em especial, o corpo que reproduz e gera outro corpo. A Teologia, feita por homens, estabeleceu que o corpo da mulher não teria espaço em seu meio.

¹⁹ GEBARA, Ivone. Corpo, Novo Ponto de Partida da Teologia. In: RIBEIRO, Cláudio (org.). **Rasgando o Verbo: A crítica feminista à teologia da libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 89-95. p. 59.

²⁰ CARDOSO, 1994, p. 51.

²¹ CHAUI, 1984, p. 27.

²² CARDOSO, 1994, p. 51.

A REPRESSÃO SEXUAL NA TEOLOGIA CLÁSSICA

O Cristianismo contribuiu de várias maneiras para a consolidação da repressão sexual na sociedade. Um dos primeiros pensamentos teológicos sobre sexo foi associado ao pecado de origem. Em Gênesis temos dois relatos da criação. O primeiro relato (Gn 1- 2, 4) conta, em ordem cronológica, a criação do mundo e dos seres vivos, tendo Deus criado homem e mulher juntos, sem diferenciar a matéria usada na formação de ambos. O objetivo dessa narrativa da criação é mostrar a ordem de Deus. A datação da escrita é situada entre o exílio babilônico e o pós-exílio, logo, se vê necessária a afirmação de um Deus para um povo que precisa se autoafirmar. No segundo relato (Gn 2,4b- 31), temos um enfoque maior na criação do primeiro casal humano, no qual Adão é feito de matéria prima e Eva é feita a partir de Adão. É nessa narrativa que encontramos uma escolástica em que “as mulheres foram apresentadas como objetos da concupiscência dos homens, semelhante à Eva sedutora, indutora do pecado original que radicalizou a presença do ‘sofrimento’ e do ‘mal’”²³.

Ao longo da história, Gn 3, 1-24 tem sido utilizado para discriminá-las, fazendo recair sobre elas a culpa do pecado. De onde sua desqualificação pelas diferentes interpretações como ‘tentadoras do homem’, aquelas que perturbam sua relação com a transcendência e geram conflitos nas suas decisões e relações. As mulheres são postas como causadoras de todos os pecados existentes no mundo, da ruptura da relação face-a-face com Deus e, por isso, destinadas a estar sob o domínio e vigilância dos homens.²⁴

A segunda narrativa bíblica da criação, cujo escrito literário se identifica como Javista, foi o fundamento para muitos Pais da Igreja produzirem uma teologia sexista e machista. Estes acreditavam que, por faltar às mulheres igualdade quanto à imagem de Deus, elas deviam estar sob o comando dos homens conforme a ordem da criação²⁵. Como Rosemary Ruether nos mostra, “as mulheres já não estão em relação direta com Deus, ligam-se a ele secundariamente através do homem”²⁶.

O pecado original, Gên. 3.1-24, é uma das bases usada pelos patriarcas da Igreja para justificar a submissão das mulheres²⁷. É importante ressaltar que no primeiro relato da criação não há brechas para o pecado original:

²³ CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. As mulheres e o pecado: uma leitura não-sexista da criação. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 12, p. 91-104, jan./jun. 2015.

²⁴ CANDIOTTO, 2015, p. 95.

²⁵ CANDIOTTO, 2015, p. 93.

²⁶ RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 50.

²⁷ SANTOS, Odja Barros; MUSSKOPF, André Sidnei. Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. *INTERAÇÕES*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 334-354, ago./dez. 2018.

'Abençoou-os e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a'. Nesse relato, nada sugere nem prepara o pecado original, pois se este estiver relacionado com a descoberta do sexo, o relato narra que Deus fez os humanos fecundos, e, portanto, abençoou a sexualidade.²⁸

Como entender a condenação do sexo pelo cristianismo, se existia sexo no paraíso, se Deus fez o sexo? Para isso, precisamos pensar no percurso que levou os primeiros *homens* fazedores de teologia a raciocinarem que o sexo era o gerador de todos os males.

Podemos começar com a análise do pecado original reconhecido pela Igreja Cristã que, resumidamente, se daria em duas partes: a primeira, deixar-se seduzir; e a segunda, transgredir uma ordem. Como consequência gerou dois resultados: a consciência da nudez/culpa e a queda do paraíso. Com a queda vem o sentimento de falta, o ser humano perde o contato direto com o divino, perde a vida eterna e se depara com o finito, com a dor e o sofrimento. Por causa do pecado o ser percebe o corpo, e com o corpo vem as carências, as necessidades, um lembrete constante da finitude e da perda. É envolto a esses sentimentos que os primeiros teólogos vão pensar sobre sexo. Proliferar seria multiplicar a maldição da dor, do sofrimento e da morte²⁹. Exatamente essa ligação do sexo com a morte fez a teologia pender para torná-lo aceitável apenas dentro de um contexto, tendo sua maior associação com essa 'Mal-dição' que seria o sexo. "Na religião e filosofia gregas, as mulheres representavam a poluição associada com o corpo e a sexualidade devido a seu papel de gerar a vida, que traz consigo a ameaça da morte"³⁰.

Para Tertuliano, Graciano e Gregório de Niza, padres da Igreja, o casamento era abominável. Sendo assim, restam somente duas soluções: "ou ser alimentado pelas relações carnis, tornando-se morte interminável, ou ser destruído pela virgindade, fruto da disciplina"³¹. Já para Santo Agostinho, um padre teólogo, filósofo, precursor de diversas ideias centrais e dogmáticas, em suas reflexões sobre as epístolas de São Paulo, considerando que não se tem como evitar que as pessoas façam sexo, melhor seria que se casassem, tendo assim o que ele chama de *casamento-remédio*. Entretanto, mesmo dentro desse acordo, seria considerado pecado se durante o sexo houvesse prazer. Para ele, o pecado original da desobediência resultou não apenas na vergonha e queda do paraíso, mas na maldição do corpo. No homem a maldição se encontra em não conseguir controlar seu órgão reprodutor, a desobediência se reflete ali, não tendo o domínio da alma³². Já, o corpo da mulher, para Agostinho, é intrinsecamente uma corrupção.

²⁸ CHAUÍ, 1984, p. 84.

²⁹ CHAUÍ, 1984.

³⁰ SCHOTT, Robin May. **Eros e os processos cognitivos: uma crítica da objetividade em filosofia**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

³¹ CHAUÍ, 1984, p. 90.

³² SCHOTT, 1996.



[...] o vício nos corpos das mulheres reside no coito carnal e no parto. Assim, condena ele [Santo Agostinho] o corpo provocativo e procriativo da mulher por ser uma fonte de transgressão para o homem. Dado que as mulheres despertam desejos nos homens, seus corpos terrestres são tidos como não-naturais.³³

Dentro de todo pensamento que Santo Agostinho elaborou sobre a sexualidade, a mulher se enquadra no quesito mais corrompido, poluído, carnal, de pouca inteligência e que deve se submeter ao homem por sua incapacidade, por ter lascívia e ser tentadora e fraca por natureza. Esse pensamento perdurou durante séculos, sendo questionado muito recentemente, especialmente por teólogas feministas. Jaci Candiotto nos traz uma proposta de análise feminista que procura reestruturar essa divisão dicotômica que podemos ver em Santo Agostinho.

Convém pensar o pecado como uma distorção das relações humanas. Como sugere R. R. Ruether, uma concepção de pecado que incluiria a totalidade dessa experiência mostraria que ela está diretamente associada às distorções da relacionalidade humana, sendo uma de suas manifestações mais importantes o sexismo, à medida que ele impede a comunhão e a comunidade. Dessa maneira, a teologia na perspectiva das relações de gênero tem como uma de suas tarefas a redefinição da relação antropológica entre mulheres e homens.³⁴

Logo, ela toca na perspectiva de que a falta de relação humana seria considerada pecado, tendo o sexismo e o machismo como exemplo disso. Mas, para Agostinho de Hipona, a relação entre o homem e a mulher deveria ser de dominação, pois entre essa relação de gênero há uma representação de uma hierarquia espiritual. Para que a alma do homem seja elevada e pudesse ter controle sobre seu próprio corpo, ele precisaria dominar a mulher, pois ela seria a representação do corpo corrompido e caído. Para o teólogo Tertuliano, também do primeiro século, a representante das mulheres foi Eva e sua opinião quanto a ela é a seguinte:

'Tu és o portal do Diabo. Tu és o primeiro desertor da Lei divina. Tu és aquela que persuadiu a quem o Diabo não foi bastante corajoso para atacar. Tu destruístes tão facilmente o homem imagem de Deus. Por causa de tua falta, que é morte, o próprio Filho de Deus teve que morrer'.³⁵

Diante de tanto desprezo, qual papel cabe à mulher? A Igreja encontrou no casamento uma função que poderia redimir a mulher da sua existência. Dentro da instituição do casamento o sexo poderia ser considerado algo divino apenas quando associado com o mandamento de Deus de multiplicar e encher a terra (Gênesis 1: 28). Esse assunto sobre o casamento veio se alastrando até a decisão da Igreja em tornar essa instituição em sacra. Cada cultura tinha sua maneira de celebrar o casamento e, por volta dos séculos XII e XIII, o assunto estava sendo debatido entre os teólogos da Igreja. Com a Igreja Católica Romana no poder juntamente com o

³³ SCHOTT, 1996, p. 69.

³⁴ CANDIOTTO, 2015, p. 102.

³⁵ TERTULIANO *apud* SCHOTT, 1996, p. 76. (Grifo original)



rei, ela encontrou uma maneira eficiente de controlar ainda mais a população e manter os jogos políticos em suas mãos, tornando assim, a partir do século XIII, uma obrigação sacra o casamento dentro da Igreja, para que essa instituição esteja sob o controle da mesma. Para ter uma repressão sexual eficaz a Igreja percebeu que precisaria investir no controle de um alvo em específico: a mulher. Ela era considerada mais libidinosa do que o homem, mais fraca e inclinada a cair em tentações, portanto, o sexo para ela seria inevitável, precisando, então, de mais amarras sociais do que o homem.

A REPRESSÃO NO CORPO DA MULHER

São Tomás de Aquino reforça a ideia de que mesmo dentro do casamento a mulher deve ser dominada, pois ela tem uma necessidade incurável pela lascívia, está no seu corpo a concupiscência, portanto, é dever do marido curar sua esposa desse mal, mesmo que ela não queira, através do que ele chama de “pagar a dívida matrimonial”.

Quer a esposa exprima desejo sexual ou não, o marido deve cumprir seus deveres sexuais para curá-la como o médico trataria um paciente teimoso. Ao ver de Tomás de Aquino, como a mulher é culpada do pecado de concupiscência, o marido é efetivamente justificado em agir de forma coercitiva para com ela.³⁶

Esse pensamento coloca a mulher em um lugar onde não tem controle sobre seu corpo, justificando assim a dominação do homem sobre a mulher, e até hoje podemos ver a repercussão dessa ideia na sociedade com o que nomeamos de cultura do estupro. “Além disso, ao sugerir que o homem tem o direito de inferir o desejo do silêncio da mulher, Tomás também indica que os homens têm poderes interpretativos que faltam às mulheres”³⁷. Portanto, tal dominação masculina vai além do corpo quando diz que a mulher não sabe interpretar, silencia a mulher e diz que seu silêncio é falta de entendimento. Nesse silêncio o homem impõe o que entende ao seu bel prazer, pois, uma certeza se tem, a mulher tem uma doença em seu ser, que é a concupiscência, e precisa ser curada, afinal, “a dominação sexual masculina é considerada necessária por causa do desejo incurável das mulheres”³⁸.

Para Santo Agostinho, apesar do casamento ser considerado um remédio, uma válvula, ele traz a ideia de que sexo seja algo depreciativo e as manifestações corporais sexuais seriam a consequência da perda da graça ao sair do paraíso³⁹. Qualquer expressão de vontade ou prazer denotava uma relação com o ser humano corrompido, fazendo com que a repressão

³⁶ SCHOTT, 1996, p. 94.

³⁷ SCHOTT, 1996, p. 95.

³⁸ SCHOTT, 1996, p. 95.

³⁹ SCHOTT, 1996, p. 66.

sexual se interprete como repressão de qualquer forma de prazer. Aqui entramos num ponto interessantíssimo que até hoje temos as sequelas como Igreja Cristã.

Com extrema agudeza, Santo Agostinho percebe a relação entre desejo de saber e sexo (pela via do prazer), donde a necessidade de conter a curiosidade, tanto dos olhos como do intelecto, preparando, com isso, a ação repressiva que o cristianismo iria exercer sobre o desejo de conhecimento.⁴⁰

Associar sexo ao conhecimento mais uma vez pode nos remeter ao pecado original, visto que o fruto proibido era do conhecimento do bem e do mal. Tomando a liberdade para associar o desejo de saber como uma das necessidades humanas, percebemos que vai além de simplesmente saber as razões por trás das questões, mas, também há um prazer em descobrir, há um prazer no conhecimento. Santo Agostinho “percebeu que a salvação é um dom misterioso e indecifrável de Deus”⁴¹, logo, não cabia ao homem mexer na “gaveta” de Deus, “[...] arrastado pela luxúria, também era arrastado por um pecado de igual gravidade: a curiosidade, o desejo de tudo saber, de conhecer pela razão os mistérios da fé”⁴².

Na Reforma Protestante essa concepção do ‘conhecimento’ é levada para o que Lutero chama de “mente casta”, que as mulheres em especial precisavam desenvolver. Acreditava-se que a concupiscência estava em todos os membros do corpo, portanto a experiência da vida na terra de nada é proveitosa, pois aqui há somente o pecado, nesse corpo há somente o pecado. “A visão do mundo protestante levava a uma atitude anti-sensual em relação à vida”⁴³, a religião teria como tarefa a destruição do gozo em todos os sentidos, tendo como advertência, por exemplo, não beber, não ficar ocioso, não vestir ou se deitar em tecidos macios, não se enfeitar de adornos etc.⁴⁴.

Com essa associação do prazer, o sexo se tornou o pecado central, a causa para outros pecados, a exemplo dos sete pecados capitais, tendo a luxúria como principal fonte de transgressão. Pecado que foi personificado no corpo, onde sua maior manifestação era o prazer, conforme nos mostra o que Marilena Chauí vai chamar de “Caça ao prazer”⁴⁵, que decai sobre o que teologicamente chamamos de “carne”, utilizando muito do que o Apóstolo Paulo escreveu, tendo assim um inimigo a ser combatido: o corpo, e particularmente, o corpo da mulher, sofrendo muito mais repressão.

A sexualização de todos os pecados reaparece agora como sexualização do corpo inteiro. A sexualização dos pecados e do corpo significa, simplesmente, a

⁴⁰ CHAUI, 1984, p. 96.

⁴¹ CHAUI, 1984, p. 96.

⁴² CHAUI, 1984, p. 96.

⁴³ SCHOTT, 1996, p. 106.

⁴⁴ SCHOTT, 1996, p. 99.

⁴⁵ CHAUI, 1984.

preocupação cristã com todas as formas da concupiscência, visto ser esta a manifestação da fraqueza da carne, e conseqüentemente, a preocupação está voltada para a percepção, captura e controle de tudo quanto desperte prazer. É pela via da caça ao prazer que os pecados e o corpo vão sendo sexualizados.⁴⁶

A teóloga feminista Angelica Tostes nos fala um pouco sobre essa captura do prazer, sobre a falta da sensualidade cotidiana, a demonização do corpo e seus sentidos prazerosos. A mulher diante da condenação do corpo teve seus sentidos, consciência, percepção, privados de si mesma: “A teologia patriarcal exorciza as mulheres delas mesmas. Definem o que podem e não podem fazer com os corpos”⁴⁷. Corpos estes que têm desejos e prazeres, porém, quando demonstrados, são demonizados, oprimidos, perseguidos. Não encontra seu reflexo na teologia clássica, muito pelo contrário, não é tida nem como Imagem de Deus.

A teologia deve retomar o prazer que foi alienado pelo patriarcalismo e vivenciar nos corpos as novas formas de experimentar o sagrado. A sexualidade é marginalizada. A mulher é marginalizada. É vista como aquela que leva os bons homens ao engano. A mulher é associada aos demônios, a Antiga Serpente, ao pecado. A imagem desse ‘Deus sem corpo’ nunca poderia ser associada a um corpo de mulher, se Deus tem um corpo é um corpo de um homem.⁴⁸

Ao trazer a proposta de vivenciar no corpo novas formas do sagrado possibilita-se aberturas para a ação de Deus através do mesmo e sua corporeidade, trazendo o prazer que é anulado pela teologia. Importante considerar o Cristo encarnado, que como ser divino se fez corpo, exemplificando em si essas tais formas de manifestação do sagrado.

‘O corpo concreto, que se relaciona com o prazer e as experiências sexuais foi esquecido, escondido, negado, desprezado, visto como impróprio, desnecessário e meramente acessório tanto para a prática quanto para o discurso teológicos’.⁴⁹

Uma teologia pensada a partir do corpo propõe novas maneiras de se relacionar com Deus, uma vez que Ele se fez corpo, e que é infinito em conhecimento e Ser. As variadas maneiras de aprendizado são expandidas quando colocamos o corpo na relação com Deus, de maneira a entender que a divindade encontrada no corpo da mulher tem espaço, tem sexo, tem gozo e tem muito prazer, adora e é morada.

⁴⁶ CHAUI, 1984, p.106.

⁴⁷ THOMAZ, Angelica Tostes. A teologia sem corpo: uma crítica da teopoética feminista. **REFLEXUS**, São Paulo, v. 12, n. 19, p. 73-86, jan./jun. 2018. p. 77. DOI: <https://doi.org/10.20890/reflexus.v12i19.731>.

⁴⁸ THOMAZ, 2018, p. 76.

⁴⁹ CARVALHAES *apud* THOMAZ, 2018, p. 83.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma repressão bem-sucedida faz com que se acredite que não há nada para saber, falar, ver, sobre o assunto. Quando trazido para a repressão sexual percebe-se que a ferramenta mais promissora da repressão é a falta de conhecimento, privando de maneira particular à mulher. Durante séculos a mulher foi submetida a uma posição secundária e inferior, menor e insuficiente, incapaz, e isso obteve êxito também pela influência do Cristianismo, que historicamente dominou o pensamento ocidental e construiu firmes estruturas que podemos ver até os dias atuais. Por mais corroídas pelo tempo que estejam, elas ainda permanecem na base da sociedade ocidental. Com a repressão sexual feminina não é diferente.

Com a revolução industrial, o avanço tecnológico e o capitalismo, o sexo passou a ser reprimido para um sentido diferente. Agora, o que importava era a produção, e nada poderia desviar o trabalhador desse objetivo. Na virada do século XIX muitos especialistas sobre o caso surgiram, muitos homens (pois o conhecimento ainda era reservado para eles) que estudavam o sexo e suas relações. Falavam sobre a mulher e sua relação com o sexo, agora vazio de libido, totalmente o contrário do que antes reprimia a mulher sexualmente por ser a lascívia e a concupiscência encarnada.

A Teologia abriu mão do corpo quando os primeiros teólogos fugiram deste por medo de suas vontades e do prazer. Afastaram Deus da carne, o mesmo Deus que se fez carne, limitaram suas ações ao subjetivo espiritual, o mesmo Deus que chamam de infinito e ao qual tudo é possível. Na tentativa de esconder o corpo nu, caído do paraíso, descobriram mentes resistentes de mulheres que não se aquietaram diante do silenciamento, corpos que gritam, suam, sangram, geram, a liberdade de existirem não mais como corrompidos, sujos, lascivos. Através de uma hermenêutica restauradora, Teólogas desafiam o cristianismo patriarcal e suas estruturas opressoras, tocando na teologia e manifestando Deus, sua Imagem e semelhança, em seus corpos.

REFERÊNCIAS

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. As mulheres e o pecado: uma leitura não-sexista da criação. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 12, p. 91-104, jan./jun. 2015.

CARDOSO, Nancy. Ah!... Amor em delícias. **Ribla**: Por mãos de mulher. n. 15, p. 47-59. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.



GEBARA, Ivone. Corpo, Novo Ponto de Partida da Teologia. *In*: RIBEIRO, Cláudio (org.). **Rasgando o Verbo**: A crítica feminista à teologia da libertação. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 89-95.

RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião**: rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SANTOS, Odja Barros; MUSSKOPF, André Sidnei. Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 334-354, ago./dez. 2018.

SCHOTT, Robin May. **Eros e os processos cognitivos**: uma crítica da objetividade em filosofia. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

THOMAZ, Angelica Tostes. A teologia sem corpo: uma crítica da teopoética feminista. **REFLEXUS**, São Paulo, v. 12, n. 19, p. 73-86, jan./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20890/reflexus.v12i19.731>.

Recebido em: 07 fev. 2023.

Aceito em: 20 maio 2023.